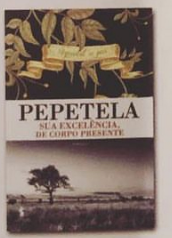
O QUANTO AMEI
Sara Rodi
Planeta de Livros

Podemos imaginar Fernando Pessoa (1888-1935) a caminhar pelas ruas da baixa de Lisboa, ou até a beber um café na Brasileira do Chiado, há um século atrás, num tempo em que as mulheres, mesmo no mundo então mais evoluído, eram consideradas uma espécie de "filhas de um Deus menor" numa sociedade em que o homem tinha as rédeas firmes do poder. Mas, tal postura (machista), especulando, não deveria encontrar eco no dia-a-dia do nosso maior poeta, cuja tão falada solidão não foi impeditiva, antes pelo contrário, de ter vivido acaloradas paixões por várias mulheres, histórias que a escritora Sara Rodi demorou sete anos a investigar para dar agora à estampa, editado pela Planeta, "O quanto amei", centrado precisamente nas mulheres da vida de Pessoa. E não foram poucas, além do conhecido amor pela mãe, Maria Madalena, bem como de outras mulheres da família que o marcaram (a tia Anica e a irmã Teca), dois nomes surgem no coração sonhador e apaixonado do poeta, a eterna namorada Ofélia e a misteriosa Magde, uma inglesa que conheceu em Évora. Sim, a escritora – também natural da mesma cidade –, no âmbito da longa investigação levada a cabo para produzir o livro, descobriu que Pessoa visitou Évora amiúdes vezes, onde vivia a irmã, casada com um militar, numa casa alugada a uma família com profunda ligação ao Alentejo, os Barahona. Foi no decurso das suas deslocações à cidade Património Mundial que Fernando Pessoa conheceu Magde, ao que se julga, a sua derradeira paixão. "O quanto amei", belíssimo título, merece leitura atenta, que recomendamos vivamente, não resistindo em recordar que Sara Rodi é colaboradora desta revista, vindo a propósito salientar que a equipa Mais Alentejo – onde pontificam vários escritores – acaba de ser reforçada com a chegada, que saudamos, de um nome cimeiro da actual literatura portuguesa, Carlos Vale Ferraz, pseudónimo de Carlos Matos Gomes, capitão de Abril, ainda por cima no momento em que passam 47 anos sobre dia primeiro da liberdade

SUA EXCELÊNCIA, DE CORPO PRESENTE
Pepetela
Dom Quixote

Não somente por ter ganho, recentemente, dois prémios literários, este livro do escritor angolano Pepetela, nome cimeiro da literatura em língua portuguesa, apresenta-se de leitura imperdível, pela escrita de fino e inteligente humor, bem como pela loucura (saudável) da história que retrata. Trata-se de uma crítica mordaz ao abuso de poder e aos sistemas de governo totalitários disfarçados de democracias



DA MEIA-NOITE ÀS SEIS
Patrícia Reis
Dom Quixote

Escrito num registo de intimidade que nos envolve, conforme apanágio da autora, "Da meia-noite às seis" segue pelos caminhos da vida, presente e passada, de personagens que se cruzam e cujas opções reflectem aquilo que é prioritário em tempos de pandemia. Eis o regresso de Patrícia Reis ao espaço literário que define a singularidade da sua voz, a saber, o território da complexidade das relações humanas e da procura da identidade

ESTEIROS
Soeiro Pereira Gomes
Quetzal

Agora, em boa hora, reeditado pela Quetzal, o romance "Esteiros", de Soeiro Pereira Gomes (1909-1949) continua a ser uma obra literária de deve ser lida (e relida), falando-nos de um tempo de miséria e opressão do Portugal do denominado Estado Novo. O autor foi um dos escritores maiores da estética neo-realista portuguesa, não sendo despiciente acrescentar que a primeira capa foi desenhada por Álvaro Cunhal

PORTUGAL, ANO 2071
Isabel Lindim
Oficina do Livro

"Portugal, ano 2071", de Isabel Lindim, aborda o impacto das alterações climáticas para os próximos 50 anos no nosso país. Trata-se de uma projecção, não uma premonição, no âmbito da qual foi ouvido um conjunto de trinta especialistas de diferentes áreas, nomeadamente, geografia, biologia, saúde e física. O livro procura explicar o que pode, ou não, vir a acontecer